

MÚSICA COLONIAL EM SÃO PAULO

José de Veiga OLIVEIRA

Régis Duprat pertence ao diminuto elenco de autênticos pesquisadores musicológicos do Brasil. A minudente pesquisa, estudo das fontes manuscritas primárias, que jazem em por vezes dilacerados arquivos, constituem a base de sustento cultural, restauração de textos, sobre os quais emerge a estampa de seus importantes trabalhos musicográficos.

Em vez de perder-se inutilmente na obsessiva repetição do que outrem já escreveu, bastas vezes sem o apoio de rigorosa comprovação factual, o pesquisador sempre pautou-se pelo encontro e análise de partituras, por vezes encontrados nos mais imprevistos lugares.

Já em seu livro **Garimpo Musical**, (São Paulo, Novas Metas, 1985, 181p) Régis Duprat compendiou parte substancial de seu labor, destacando-se a descoberta do mais antigo texto musical do Brasil: - "Laudatória - Recitativo e Ária", em homenagem a Joseph Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, desembargador da Casa da Suplicação de Lisboa, que chegou à Bahia em agosto de 1758, tendo instituído a Academia Brasílica dos Renascidos, de efêmera, porém intensa atividade cultural, sendo que a 2 de julho do ano seguinte, no salão principal do Convento dos Carmelitas Descalços, luxuosamente ornamentado, realizou-se um concerto de música barroca, ao qual seguiu-se uma sessão literária. Na oportunidade foi estreada a referida Laudatória, que Régis Duprat foi descobrir na Biblioteca Alberto Lamego, depositada na hoje Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo. Procedeu a uma análise técnica, realizando o baixo contínuo, a revisão geral, publicou e providenciou a primeira gravação fonográfica ("Chantecler", CMG 1030), pela Orquestra de Câmara de São Paulo, sob a regência de Olivier Toni, funcionando como solista a soprano Marília Siegl.

Significativa particularidade: trata-se de um texto em português, de caráter profano, cuja autoria presume-se que seja Caetano de Mello Jesus,

mestre-de-capela da Sé de Salvador, cargo que desempenhou, ao que se supõe, durante vinte e cinco anos. Nem por denotar uma composição ocasional, apressadamente redigida ao correr da pena, deixa de oferecer acentuado interesse estético e artístico.

A essa primícia fonográfica outra se lhe seguiu, obediente à revisão do maestro professor Roberto Schnorrenberg, segundo a interpretação que lhe outorgou o “Collegium Musicum” da Rádio Ministério da Educação e Cultura, do Rio de Janeiro, sob a batuta do maestro Vicente Fitipaldi, tendo como solista a soprano Olga Maria Schroeter, a primeira das intérpretes, no Teatro Municipal de São Paulo, a 6 de dezembro de 1960 (CBS 60120, “Concerto Barroco”).

Tal particularidade deixou de ser apontada.

Anteriormente a 1985, o A. já se ocupava da personalidade, trabalhos e composições de André da Silva Gomes (1752-1844), que iria mais tarde a ocupar o cargo de mestre-de-capela da Sé de São Paulo. Sua obra até agora encontrada cinge-se à música sacra, sendo que, a partir de 1774 inaugura-se nesse templo, mercê do descortínio cultural do 3º bispo diocesano Dom Manuel da Ressurreição, um superlativo período de brilhantismo e suntuosidade, para um músico que, na época, contava apenas 21 anos de idade.

Tais prospecções musicológicas foram amplamente consolidadas em seu último livro, “**Música na Sé de São Paulo Colonial**”, que abrange complementarmente o catálogo temático-sistemático de composições sacras, em número aproximado de 130, sendo que o compositor, lisboeta de nascença, radicou-se na cidade, da qual jamais se afastou, vindo a falecer a 17 de junho de 1844, na provecta idade de 91 anos. (São Paulo, Soc. Bras. de Musicologia/Paulis, 1995. 235p; pref. de Amaral Vieira).

O A. realiza amplo e acurado histórico da vida musical de São Paulo, entre a segunda metade do século XVIII e as três primeiras décadas da subsequente, mantida especial ênfase sobre a atividade artística e pedagógica de André da Silva Gomes.

Não deixa de apontar um tópico aparentemente esquecido na historiografia do Brasil-colônia: o “estanco de Música”, ou seja, a obrigatoriedade do pagamento de uma contribuição monetária aos bispados, da responsabilidade dos mestres-de-capela para o financiamento das periódicas e freqüentes festividades musicais para o brilho do culto, bem como serviços fúnebres em cantochão-de-órgão, e eventos outros. Tais quantias provinham

dos músicos de igreja. Não obstante, tal prática era rigorosamente interdita pelas autoridades reinóis, mas praticada à larga.

As preciosas monografias de Régis Duprat, no tocante a André da Silva Gomes, enfeixam os tópicos: Música na Matriz, da Sé diocesana, a estabilização da atividade musical; um arquivo musical descoberto; elenco dos mestres-de-capela da Matriz e Sé de São Paulo; bibliografia, Catálogo Temático dos manuscritos, precedido de resumo histórico da capela-de-música da Sé; tabelas analíticas das composições.

O tratado se qualifica, em termos de abrangência e minúcia, ao inventário da maestrina e professora Cléofe Person de Matoa a propósito da obra musical do padre-mestre José Maurício Nunes Garcia (1767-1830), dado à estampa pelo Conselho Federal de Cultura (Rio de Janeiro, 1970).

Ambos constituem títulos de glória da musicologia brasileira

JOSÉ DA VEIGA OLIVERA